

Greve afeta a rotina de pais e filhos

RENATO COSTA

Em tempos de greve, a maior diversão da garotada da Quadra 619 de Samambaia é inventar brincadeiras. Até porque a maioria delas fica a tarde toda na rua, longe das salas de aula e sob a guarda de vizinhos e irmãos mais velhos. Os pais trabalham durante o dia e não têm como tomar conta dos filhos durante a paralisação.

Entretidos com as bolas de gude, Marcos Guida, Tiago Martins, Caleb Silva, Raimundo Nonato, Sulamita Silva e Diógenes Marques têm tempo de sobra para brincar. A maioria estuda no Centro de Ensino 619, em frente à rua onde moram.

Nenhum deles, apesar do tempo livre, gosta da greve. "Não é bom porque quando chegar a época das férias vamos ter que continuar estudando, inclusive aos sábados", explica Tiago, de 15 anos.

Sulamita, de 10 anos, fica sob os cuidados da irmã mais velha, Raquel, de 13. A

mãe, Eliete, trabalha no serviço de limpeza de uma empresa no Plano Piloto e só volta no início da noite. "Enquanto as aulas não começam fico na rua, brincando. A vizinhança dá uma olhada na gente", conta.

O amigo Diógenes, de 13 anos, quer terminar os estudos de qualquer jeito para se tornar um policial. "Por causa da violência que existe por aqui, quero ser da polícia", diz o menino, aluno da 5ª série. "Repeti ano uma vez. Não é fácil estudar, mas é preciso".

Diógenes também fica sozinho durante o dia, enquanto a mãe trabalha como empregada doméstica e o pai em uma gráfica do Plano Piloto. O irmão Douglas, de 20 anos, é quem cuida de Diógenes e dos outros três irmãos. "Ele praticamente cria a mim e a meus irmãos, é nosso pai e mãe de todo dia", conta o garoto.

Apesar de gostar mais de brincar, Diógenes afirma que



ENQUANTO professores não voltam ao trabalho, meninada de Samambaia joga bola de gude

preferia estar na escola. "Pode me dar um futuro melhor do que aqui na rua", diz.

Para Eliane Guida, mãe de Marcos, aluno da 2ª série da Escola 619 de Samambaia, ir às aulas é uma garantia de que a criança não

vai estar na rua. "Impede que eles façam besteira, conversem com estranhos. E me deixa sempre mais tranqüila", afirma. Em licença-maternidade, ela fica os dias em casa, mas não pode acompanhar direito a rotina de Mar-

cos por causa do bebê.

De acordo com o Sindicato dos Professores (Sinpro), 75% da categoria está em greve, o que significa que mais de 200 mil crianças no Distrito Federal ficaram sem as aulas.